

## **MEIOS ESPECÍFICOS E MEIO POPULAR DENTRO DA P.J.**

### **APRESENTAÇÃO**

*Texto para Reflexão e Estudo*

*(Reflexões sobre os enfoques dos meios específicos e meio popular na atual caminhada da Pastoral da Juventude do Brasil).*

*Jorge Boran*

Estas reflexões foram motivadas pela necessidade que senti de comentar o texto "Por uma Pastoral de Juventude por Meios Sociais" que foi enviado a mim e aos demais membros da CNPJ (Comissão Nacional da PJ) por Jairo de Amorim da PJMP do Nordeste 11 e da CNPJ. Resolvi aproveitar, também, a oportunidade para atualizar e incorporar as sugestões que me foram enviadas sobre um texto que fiz, há dois anos atrás, sobre o mesmo assunto e que foi estudado em muitos regionais e dioceses.

Penso que é muito importante colocar no papel os pontos convergentes e divergentes para facilitar um debate esclarecido e a evolução de um projeto comum de uma Pastoral de Juventude consequente. Este projeto é importante para colocar a juventude no cenário da Igreja e sociedade brasileira, nos próximos anos, como uma das grandes forças na construção de uma sociedade justa e fraterna. Esta nova sociedade deve substituir uma sociedade onde há "ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres". Este projeto criaria uma mística e metodologia capazes de ajudar a PJ a avançar, com passos largos, nos próximos anos.

Do outro lado, a incapacidade de acertar este projeto, pode levar a trancar a caminhada promissora da PJ no momento. Neste sentido vejo o texto de Jairo como uma contribuição importante para o debate que se trata dentro da P.J.

Neste debate é importante tentar suprimir elementos emocionais, nos desarmar para podermos avançar, a partir de uma análise objetiva da realidade e das experiências reais da P.J: nos vários lugares do país.

Devido à minha posição de assessor nacional, estou em contato direto com as várias correntes de opinião, nos vários cantos do país, através de cursos, assembleias, reuniões e relatórios. Tenho um certo dever de socializar estas informações para facilitar este diálogo.

### **1. MEIOS ESPECÍFICOS**

Uma das pedras no caminho de um consenso sobre um projeto global de PJ, está sendo um certo mal entendido sobre o que vem a ser a Pastoral de Juventude Específica. O 5º Encontro Nacional define-a da seguinte maneira:

"E o processo de evangelização do jovem no seu próprio meio de estudo (escola, universidade), trabalho (sindicato, associação de trabalhadores),

moradia (movimentos de bairro). É a contribuição do jovem na construção de uma sociedade mais justa e fraterna através de uma transformação do seu próprio meio. É ser sal, luz e fermento do Reino na sociedade. Este processo pressupõe dois espaços:

- (a) o grupo de militantes que revisa a prática à luz da fé e
- (b) o esforço de atuação no meio específico com outros jovens que nem sempre compartilham a mesma fé.

A Pastoral Específica é o posto de gasolina onde o militante para a fim de abastecer a sua fé.

A comunidade eclesial continua sendo o lugar privilegiado da celebração da fé.

A origem do enfoque dos meios específicos vem do tempo da Ação Católica Especializada (JUC, JEC, JOC, JAC) que foi uma experiência rica de trabalho pastoral com a juventude em que a Igreja preparou quadros políticos, sindicais e estudantis com pensamento cristão. Foi inevitável que este enfoque fosse retomado, mais cedo ou mais tarde dentro da PJ. Claro que não se trata de reeditar a JUC, JEC, JOC, JAC, de novo, mas de construir uma pastoral especializada dentro de um novo contexto de Igreja e de sociedade, aproveitando elementos desta rica metodologia que ainda são válidos.

Três críticas deste modelo são feitas no texto de Jairo:

- (i) "Vale observar o seguinte. Este modelo organizativo é fruto de uma estratégia pastoral modernizante, isto é, que tende a se organizar como resposta às necessidades religiosas de sua clientela específica e não parte de uma visão global nem da Igreja nem do mundo"
- (ii) Não acreditamos ser possível encontrar uma estratégia pedagógica que possibilite aos jovens a tomarem consciência de classe, identificando seu papel dentro dela.

O engajamento apenas nos meios específicos não atinge diretamente as estruturas injustas na sociedade, não trazendo, portanto, mudanças profundas, o que supõe uma efetiva participação nos órgãos de classe.

- (iii) Outro limite refere-se à superação do confronto intra-grupal. Tomemos como exemplo um grupo de militantes no meio específico-escola. Neste mesmo grupo se encontrarão jovens do meio popular e de outros meios. Eles provêm de escolas localizadas em realidades diferentes que, certamente, exigirá uma presença e ação diferenciadas. Somam-se a isso as diferenças de linguagem (devido à qualidade do ensino e as oportunidades para estudar). Um jovem provindo de um meio abastado terá mais condições de dominar o discurso e maior poder de convicção. Portanto carregará condições para abafar um jovem do meio popular que dificilmente terá as mesmas possibilidades. Mesmo unidos

por interesses comuns, as diferenças sociais impõem-lhe dificuldades básicas para convivência."

## **ANALISE DESTA CRÍTICA**

Para responder a esta crítica temos que partir de um **princípio pedagógico fundamental para uma pastoral transformadora** uma teoria é válida somente na medida em que sua elaboração parte de experiências concretas e que sejam continuamente revisadas conforme a evolução destas mesmas experiências. Deve haver um vai-e-vem contínuo entre a realidade e a teoria. Quando isso não acontece a teoria se torna defasada da realidade e não acompanha mais a vida que corre por baixo. Há sempre o perigo de cair em dogmatismos, que procuram forçar a realidade concreta a adaptar-se aos seus esquemas. Aqui é uma questão de vida ou morte para a PJ porque toda estratégia que parte deste tipo de teoria é fadada ao fracasso e envolve os jovens em discussões estéreis que levam ao isolamento e esvaziam, a longo prazo, uma pastoral comprometida.

Ora a experiência dos últimos anos não confirma a afirmação que uma PJ pelos Meios Específicos "é um modelo organizativo fruto de uma estratégia PASTORAL MODERNIZANTE" e que o engajamento apenas nos meios específicos não atinge diretamente as estruturas injustas de sociedade, não trazendo portanto mudanças profundas, o que supõe uma efetiva participação nos órgãos de classe. "

A própria pastoral específica pressupõe uma participação nos órgãos de classe onde existem. Onde não existem há um trabalho anterior de preparação do terreno onde estes órgãos possam surgir, como por exemplo, um trabalho de educação popular, de trabalho comunitário, de pesquisa etc. Numa favela, cortiço ou bairro popular. Há um número grande de jovens de todos os lugares que passaram para uma militância em sindicatos, oposições sindicais, partidos políticos, associações de bairro, movimentos populares, grêmios e movimentos estudantis e trabalhos de educação popular, a partir de um incentivo e uma conscientização dados numa PJ geral.

A fraqueza da PJ em muitos lugares tem sido sua incapacidade de organizar uma pastoral específica para dar um acompanhamento especializado a estes jovens. Um número significativo tem se desligado da pastoral e, até da Igreja, por estes motivos. Em outros lugares a PJ conseguiu montar uma pastoral específica para jovens que se encontram neste novo terreno frequentemente hostil á fé e muito diferente do ambiente da comunidade paroquial. Frequentemente estes jovens rompem com seus grupos de iniciação por não encontrarem um espaço onde se possam sentir entre iguais, refletir sua nova prática e aprofundar as novas dúvidas e questionamentos que surgem. O desafio aqui é de formar novos grupos, grupos de militantes e se ligar a uma pastoral específica que possa dar um acompanhamento especializado.

A grande maioria destes jovens se envolvem em atividades que visam a uma transformação de estruturas injustas. Os que apoiam grupos ou diretorias

"pelegas" são poucos e não ficam numa pastoral específica por não encontrarem ambiente.

Estes jovens, também, chegam a uma consciência de classe a partir de um incentivo e conscientização numa PJ geral. O fato de estarem militando num sindicato ou movimento popular pressupõe uma consciência de classe (de classe média ou classe popular). Não é possível estar numa luta de transformação e não levar em conta a classe social que é fundamental para entender o funcionamento da sociedade capitalista. Recentemente conversei durante um dia inteiro, com dois grupos de jovens militantes, engajados no sindicato dos metalúrgicos no ABC de São Paulo, Vários foram demitidos pelo seu envolvimento na última greve. Um não foi demitido por ser da comissão de fábrica, e portanto é protegido por lei. Dizer para eles que estão numa pastoral modernizante e não têm uma consciência de classe seria um absurdo. Faz mais de quatro anos que todos se nuclearam em grupos de militantes, a partir de uma PJ Geral. Não se dispersaram, como em outros lugares, talvez devido ao acompanhamento de um assessor com boa pedagogia. Sentem-se empobrecidos por não poderem ter contato com outros militantes em níveis mais amplos, numa pastoral específica.

A afirmação de que uma pastoral específica, que não separa as classes sociais, automaticamente leva a um abafamento dos jovens do meio popular por parte de jovens provindos de um meio abastado que lhes dá mais condições de dominar o discurso e ter maior poder de convencimento, precisa ser questionada. A atual experiência da PJE tem mostrado em muitos lugares, o contrário. Jovens, que provém de escolas públicas e estão em frequente contato com os movimentos e tendências estudantis, mostram maior capacidade de articular um discurso, de dominar uma linguagem sociológica, de ir logo ao fundo de uma questão, de ter maior visão global, do que jovens que provém de escolas particulares. Além disso, os jovens das escolas particulares frequentemente são fruto de uma pedagogia paternalista que não desperta liderança e consciência. No último encontro nacional da PJE isso ficou evidente.

Há uma outra consideração a ser levada em conta. Seguindo o raciocínio acima, terá que se montar duas PJE e duas PUs (uma da classe média e outra das classes populares), em todos os níveis, diocesanos, regionais e nacional, para não misturar as classes sociais. Seria uma tarefa organizativa de difícil realização, que nem a PJE e nem a PU contemplam.

## **2. CONFUSÃO DE ORDEM TERMINOLÓGICA**

Aqui o texto do Jairo aponta um dos grandes nós que impedem uma compreensão entre as várias correntes dentro da PJ. Uma linguagem comum é o primeiro passo para poder se entender. O termo "meio social" por exemplo, é usado para significar "classe social" mas algumas pessoas, inclusive documentos oficiais da Igreja o usam no sentido de meio específico.

O Termo PJ GENÉRICA às vezes é confundido com PJ GERAL. O 5º ENPJ define a ambos da seguinte maneira:

"A PJ GENÉRICA é uma pastoral de juventude que não leva em conta o fato de que os jovens pertencem às classes sociais diferentes e que este fato exerce uma influência em todo o processo, em termos de ótica social, pedagogia e consciência de classe." É uma pastoral festiva e/ou espiritualista. A PJ Genérica não tem perspectivas de caminhar para uma militância libertadora.

"A PJ GERAL significa o estágio anterior a uma opção por uma militância na comunidade eclesial ou nos próprios meios específicos do jovem. É o primeiro momento, o processo de iniciação de uma PJ. Este processo de iniciação pode acontecer na comunidade eclesial ou no próprio meio específico (escola, trabalho, bairro)." A PJ Geral coloca, como meta, caminhar para uma militância libertadora na comunidade eclesial e nos meios específicos do jovem.

## MILITANTES E INICIANTE

Uma pergunta do Jairo que pode estar na raiz de muito mal entendido; "A PJ como é proposta acima é para militantes ou acolhe os jovens no estágio de iniciação? Dentro deste esquema extinguir-se-ia a PJ Geral ou esta seria mantida para os jovens iniciantes?"

A PJ Específica é uma pastoral especializada que tem como finalidade o acompanhamento dos jovens que têm uma militância nos seus meios. Sua base são os GRUPOS DE MILITANTES. Em muitos lugares, porém, ainda não há grupos de militantes. Há jovens militantes, ligados a coordenações da PJ Geral (Processo de Iniciação). No momento em que termina seu mandato, porém, frequentemente se desliga da pastoral e da Igreja porque frequentemente não estão mais ligados aos grupos de iniciação na base e não têm mais aonde se apoiar e se alimentar. Neste caso a Pastoral específica vai facilitar uma fase anterior à dos grupos de militantes. Ela abre espaços, (exemplo: dias ou cursos de aprofundamento de temas, ligados a sua militância) onde estes jovens possam se encontrar para trocar ideias sobre as dúvidas e questionamentos que surgem a partir das suas práticas.

Neste sentido uma Pastoral Especifica procura, responder ao desafio lançado pelo 5º ENPJ:

"Neste processo de militância a Igreja deve oferecer condições prioritárias para a formação integral de jovens e assessores:

- a) possibilitando um processo de acompanhamento conforme os níveis de engajamento;
- b) criando espaços para a avaliação da militância a partir da fé;
- c) oferecendo condições de infraestrutura para a PJ Específica (confecção de subsídios, espaço físico, coordenações próprias, encontros de formação, assembleias de avaliação e planejamento...)

No momento, somente a Pastoral Universitária (PU) e a Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) têm uma estrutura de acompanhamento, a partir dos seus grupos de militantes até o nível nacional. Os jovens militantes no meio popular ainda não dispõem de uma estrutura assim. Aliás, é um dos grandes

desafios da pastoral, no momento. Nos últimos anos, um número grande de jovens passaram para uma militância nas lutas populares, partidos, sindicatos, movimentos populares, associações de bairro e trabalhos comunitários.

Muitos destes se afastaram da Igreja por não encontrar uma estrutura de acompanhamento que facilita intercâmbio entre eles, através de uma nucleação de grupos de militantes, assembleias, cursos e retiros para clarear as novas questões e questionamentos que surgem a partir da sua prática. Estes questionamentos surgem na área da sexualidade, das ideologias e tendências políticas, do projeto político para a nova sociedade, da fé, da Igreja institucional, da vivência dos sacramentos, da espiritualidade, da rejeição e, às vezes, até a expulsão por vigários que não aceitam ou não entendem as suas novas ideias e questionamentos. Aqui se localizam os jovens mais comprometidos, mais generosos, mais dinâmicos, mais críticos, de maior liderança e que até agora a PJ não conseguiu dar uma resposta à altura. O nosso primeiro time. Porque não conseguimos dar um acompanhamento adequado, perdemos estes jovens e partimos para formar uma nova leva que, por sua vez, se afastam no momento de chegar à uma militância no seu meio. Não conseguindo dar continuidade ao projeto de evangelização, se cria um problema futuro de apoio interno da Igreja. Dificilmente terá o apoio da hierarquia e clero uma pastoral que tem como seu ponto de chegada o afastamento da Igreja e a perda da sua identidade cristã dos jovens militantes.

Claro que estes são motivos negativos. Prefiro ficar numa motivação positiva: uma pastoral específica é o instrumento privilegiado para formar quadros políticos, sindicais e estudantis, de pensamento cristão, que influirão no futuro processo de uma nova sociedade. Quase todos os quadros cristãos que temos agora foram formados pela Ação Católica Especializada. Estas lideranças despertaram para o social e a política na época da sua juventude. A partir dos anos 70 os movimentos de encontros de jovens e as escolas católicas formaram gente quase exclusivamente para os serviços internos da Igreja. A Igreja corre o perigo de ficar fora de um processo histórico que caminha para a frente, SEM OU COM A PRESENÇA DELA. A história não pede licença, não espera até todo mundo subir no "bonde".

## **INICIANTES**

No momento em que haja um número suficiente de militantes, em nível de diocese, deve-se montar uma pastoral específica para dar um acompanhamento especializado a esses jovens. Isso significa uma certa separação entre as coordenações dos grupos de iniciação e os grupos de militantes. Se se continuar misturando os dois, no mesmo bolo, frustra-se ambos os lados. Aqui, penso, é um princípio pedagógico óbvio: Não se coloca na mesma classe um aluno do primeiro ano primário e outro que está fazendo pós-graduação em física nuclear.

Este princípio é óbvio quando se trata de PU ou PJE, talvez porque o jovem tenha que sair do seu ambiente de paróquia ou bairro para outro ambiente bem distinto. No caso do meio popular, esta distinção não é imediatamente clara, porque tanto os grupos de iniciação quanto os grupos de militantes, normalmente permanecem no mesmo meio que é o bairro popular.

Ora, esta separação não é rígida e absoluta. Alguns militantes continuam trabalhando com grupos de iniciação ou ligados a coordenações destes grupos. Normalmente são os jovens de coordenação que passam para a militância nos meios específicos, porque são eles os mais dinâmicos e idealistas e que têm mais acesso a experiências e ideias diferentes, através de cursos e assembleias, livros, subsídios e reuniões. Em muitos lugares, estes jovens abandonam a coordenação do processo de iniciação sem preparar outros para ficar no seu lugar, assim provocando um retrocesso de vários anos. Em outros lugares os jovens militantes permanecem na coordenação de uma pastoral geral, mas assumem tantos compromissos a partir da sua militância no meio específico que não lhes sobra tempo para se dedicarem a um acompanhamento dos grupos de iniciação. Esta atitude tem o mesmo efeito da anterior. É fundamental, portanto, que os jovens que ficam numa coordenação do processo de iniciação priorizem este trabalho, caso contrário, devem ceder lugar a outros.

Normalmente os jovens que entram nos grupos de militantes a partir do próprio meio, sem passar pelos grupos paroquiais, são jovens já no nível de militância ou despertando para isso. É o caso de alguns grupos de militantes dos meios universitário, secundarista e meio popular. Estes jovens, às vezes, já passaram por vários movimentos sociais ou estão despertando para um compromisso com a justiça social. Sua formação religiosa, porém, é frequentemente deficitária e oferecem mais resistência a um aprofundamento na fé por ter ideias mais fixas. Por enquanto são poucos os jovens que são nucleados a partir do próprio meio sem passar pelas paróquias ou CEBs.

Por outro lado, os grupos que se iniciam nas paróquias ou comunidades de base, são bem menos preparados. O ideal de justiça social é muito mais distante ou até ausente. Predominam motivações de amizade, de um desejo de estar com outros jovens, de auto realização, de problemas pessoais para os quais procuram uma solução. Neste sentido o processo de iniciação, a partir das paróquias, é muito mais demorado e envolve um número enorme de grupos. Talvez sejam mais de 50000 grupos no Brasil. É um potencial grande quando bem trabalhado, dentro de um processo pedagógico que respeita as etapas de conscientização e de educação na fé.

Um alerta importante aqui: devemos tomar cuidado para não impor um modelo de cidade grande como sendo válido para todo o país e de achar que os jovens, em massa, vão passar da PJ Geral para a PJ Específica. São poucos que assumem este tipo de militância exigente. É importante, porém, aumentar este número, pois são estes os futuros líderes que determinarão os futuros rumos do processo social.

### **3. PASTORAL DE JUVENTUDE DO MEIO POPULAR**

Quanto à "Pastoral de Juventude do Meio Popular" ou uma "Pastoral de Juventude por classes sociais" é fundamental chegar a um acordo sobre o que se entende por isso. A prioridade "Fortalecer uma Pastoral de Juventude por classes sociais." do 4º. ENPJ, por exemplo, foi clarificado no 5º ENPJ, quando

se dizia que há vários modelos de PJ que procuram levar em conta a questão da classe social.

Cria-se muita confusão quando se coloca a questão no sentido de ESTAR CONTRA OU A FAVOR da opção pelos jovens pobres.

Creio que há um consenso generalizado, pelo menos em nível de coordenações, que a PJ deve fazer uma opção preferencial pelos jovens do meio popular, que é importante a ótica, o lugar social das classes populares e a consciência de classe. O problema de classe é um problema estratégico fundamental, sem o qual é impossível entender o que seja nossa sociedade, é impossível programar uma ação transformadora e é essencial para formação que leva a pensar corretamente.

## **A NECESSIDADE DE LEVAR EM CONTA AS CLASSES SOCIAIS**

É importante levar em conta a questão da classe social por vários motivos:

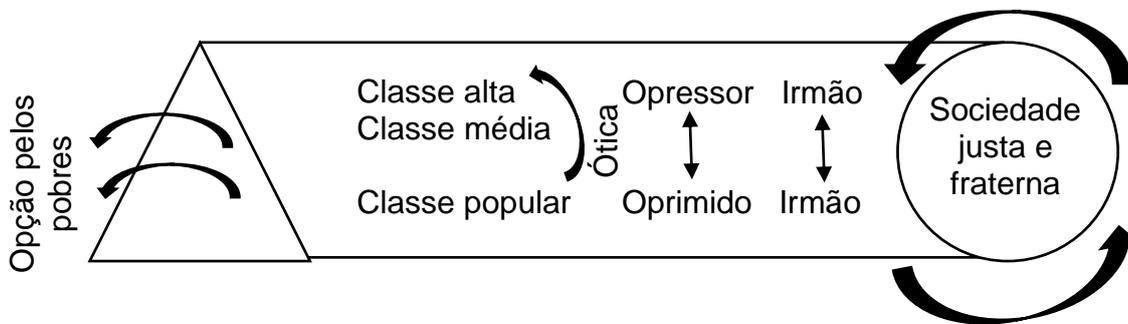
### **(1) MOTIVOS SOCIOLOGICOS:**

A opção preferencial da PJ deve ser pelos jovens das classes populares, porque constituem a maioria e são vítimas de uma estrutura social injusta. Há o perigo de se desenvolver uma pastoral de juventude como se todos os jovens fossem da classe média. Na realidade, oitenta por cento dos jovens são pobres. São jovens que nascem com a "corda no pescoço", vítimas de um sistema social injusto. São milhões de jovens que trabalham de sol a sol pela própria sobrevivência sem ter esperança de saírem do círculo vicioso em que nasceram. São milhões de jovens menores abandonados que perambulam pelas ruas. São as meninas vítimas da prostituição, com feições de velhas. São a maior parte dos "criminosos" abatidos pela polícia ou amontoados nas cadeias. São os jovens que procuram alívio de uma vida dura demais, na bebida e nas drogas.

### **(2) MOTIVAÇÃO TEOLÓGICA**

O motivo principal, porém, é bíblico: a opção de Deus no Antigo e Novo Testamento pelos mais abandonados. Os documentos mais importantes da Igreja universal, da América Latina e do Brasil afirmam a importância da mesma opção hoje. Esta é a opção de fundo que determina nossa ótica na pastoral. Esta ótica determinará uma opção não de manutenção do "status quo", mas de transformação das estruturas injustas que favorecem as elites sociais e marginalizam a maioria da população.

A OPÇÃO DA IGREJA PELOS POBRES NÃO É EXCLUDENTE. As outras classes são convidadas a se colocarem do lado do pobre para construir uma sociedade justa e fraterna. É importante não perder de vista que a opção principal é por uma sociedade de irmãos e que a discussão gira em torno dos meios mais eficazes para atingir esta meta. Esta opção, também, significa uma mudança de ótica, de lugar social. Significa analisar a sociedade, a partir de quem está na base e não no topo da pirâmide social.



A superação de um relacionamento de opressor-oprimido, será efetuada pelas pessoas que assumem a vocação de irmão.

Pe. Taborda S.J. define esta vocação:

"Alguém se torna irmão ao ouvir esse clamor sufocado, o grito surdo desses rostos humanos de que fala Puebla (Nos. 31-39/20) e descobrir neles um APELO ÉTICO. O irmão não existe tal o opressor e o oprimido, como resultado das estruturas vigentes. Elas são, por definição, não-fraternas. Irmão é o oprimido que se converte a seu companheiro e assume sua consciência de classe, unindo-se ao outro oprimido para reivindicar seus direitos. É o oprimido que não quer "subir" sozinho na vida (por exemplo, por "milagre" de uma loteria esportiva), mas quer junto com os demais uma situação mais humana para os companheiros de infortúnio e para si. Irmão é também o opressor que se converte e põe a serviço dos movimentos de reivindicação das classes populares aquilo que ele tem, seja riqueza, poder ou saber."

A função de irmão garante que o enfrentamento não seja carregado de ódio mas de fraternidade. O cristão procura imprimir um valor na luta que outros grupos normalmente não têm: o amor pelo inimigo.

A luta não é uma luta para inverter a pirâmide social, mas para formar um círculo de fraternidade e justiça.

Pe. Taborda conclui:

"A vocação de irmão não é um mar de rosas. O opressor o reprimirá (é o destino do profeta). Mas também pelo oprimido ele será incompreendido, pois é mais cômodo permanecer ignorando a injustiça de que é vítima. Pode-se ficar tranquilo com sua cachacinha para esquecer, o televisor para distrair, e a loteria esportiva para sonhar. Assumir a educação libertadora e o trabalho de conscientização, significa desinstalar-se, comprar incomodações, lutar por metas não imediatas. Por isso, o irmão pode ser incompreendido e abandonado por aqueles a que ele deu preferência. Jesus abandonado pelas multidões que o haviam acolhido com entusiasmo durante a "primavera da Galileia", e reprimido a ponto de ser condenado à morte pelos poderosos de seu tempo, foi por excelência quem realizou a vocação de irmão. Por isso mesmo pôde tornar o Pai presente entre os homens. O educador verdadeiro é um irmão."

### **(3) PEDAGOGIAS DIFERENTES**

As classes sociais também exigem uma pedagogia diferente. Jovens das classes populares, por exemplo, tem menos capacidade de abstração, de concentração e elaboração de um discurso coerente, do que jovens das classes média e alta. São mais concretos. Um curso para universitários será diferente de um curso para jovens favelados.

Há necessidade de se levar em conta, por exemplo, o poder aquisitivo dos jovens que estão sendo atingidos, quando se promove encontros, passeios etc. para não excluir automaticamente os mais pobres.

Os condicionamentos de cada classe são diferentes como mostra uma citação do Jairo: "o apelo de Deus, ainda hoje, colhe cada homem na classe social em que se situa, com seus condicionamentos próprios e sua problemática peculiar. Cada classe tem seus anseios e expectativas com relação à sociedade. Cada classe tem os seus conceitos e preconceitos, suas marcas, seus padrões de comportamento, suas frustrações, suas máscaras e fraquezas. Cada homem, portanto, dentro de sua classe social, tem uma resposta peculiar ao apelo de Deus."

Nesta análise toda, porém, não devemos esquecer uma força poderosa e nova na sociedade moderna, que é a televisão, que "faz a cabeça de todas as pessoas. As vezes condiciona mais do que a própria origem de classe. Cria no pobre, por exemplo, a cabeça de burguês frustrado.

### **(4) QUESTÃO DA DEPENDÊNCIA**

A PJ deve favorecer o surgimento de lideranças no meio popular, evitando que as classes populares sejam mantidas numa situação paternalista de dependência, por jovens de classes com acesso a um nível de estudo e padrão de vida superior.

### **(5) PERIGO DE ENCOBRIR OS CONFLITOS SOCIAIS**

O texto do Jairo explica: "vivemos numa sociedade onde os interesses das classes ou grupos sociais se mostram tão adversos e até opostos que é inevitável um confronto desses interesses, o que chamamos de conflito de classes. Esse confronto se dá em três níveis: econômico, político e ideológico."

Quando não se leva em conta as classes sociais há uma tendência de se usar uma linguagem comum que é conciliatória e que, na realidade, favorece a classe alta. Acaba-se usando uma linguagem que não ofenda a ninguém.

### **(6) CONSCIENCIA DE CLASSE:**

A consciência de classe é um dos fatores principais numa transformação social. O despertar desta consciência e as opções que devem ser feitas são diferentes para cada classe.

Os jovens do meio popular chegam a uma consciência de que não são culpados pela sua pobreza, mas que são vítimas de uma organização social injusta. Não é uma vergonha ser pobre. A solução não é tentar uma ascensão social individualista para ter os mesmos privilégios e valores da classe burguesa mas de se solidarizar com a sua classe para construir uma sociedade sem opressores e oprimidos. Seu projeto de vida não é tentar ganhar na loteria para ser igual ao patrão, mas imitar o estilo e projeto de vida de Jesus Cristo.

A Irmã Ivone, citada por Jairo descreve a consciência de classe no caso da classe média:

Para os jovens de classe média, significa tomar consciência de que se situam numa posição intermediária e que está a serviço do projeto da classe dominante. Significa, também, lutar para que as estruturas injustas sejam quebradas. Terão esses jovens de colocarem o seu saber a serviços das classes populares, isto é, entregar a eles o que lhes pertence de direito, mas que lhes foi tirado por esta organização social excludente".

## **VISÃO DA IGREJA**

Esta consciência é uma etapa essencial na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Queremos que ela seja entendida à luz de vários documentos da Igreja. Seguem alguns textos que esclarecem a maneira cristã de entender a consciência de classe:

(I) "As CEBs funcionam de fato como escolas de consciência política. Não há dúvida de que até agora, no Brasil, a consciência comunitária tem mais força de aglutinação do que a consciência classista. A consciência comunitária une aquela pequena comunidade e tem capacidade de resolver problemas imediatos e localizados. E aqui há um risco. A pequena comunidade não tem fôlego para enfrentar os grandes problemas que afetam a todos, a todas as comunidades de base. Na medida em que a comunidade de base resolve o seu problema e se separa dos outros, ela esvaziaria a consciência de classe. E com isso ela perderia força para os grandes confrontos, por exemplo, em nível nacional. Mas eu acho que isto é um risco remoto. Pelo que tenho verificado até agora, é nas comunidades de base é que se está formando com mais vigor e com mais lucidez a consciência da sua solidariedade com as outras comunidades que se encontram nas mesmas condições. Portanto, funcionam também como um fator de formação da consciência de classe." (Pe. Fernando Bastos de Ávila numa entrevista ao "Mundo Jovem" - Outubro '85).

(II) "A pobreza é antes de tudo consequência da violação do trabalho humano. Sendo o trabalho "a chave essencial de toda a questão social", é fundamental não subestimar a importância da mobilização solidária dos trabalhadores, como tais, na luta feita pelo reconhecimento de sua dignidade e da dignidade do seu trabalho, através de suas organizações próprias" (Encíclica de João Paulo II "Laborem Exercens" 3; 18 3 20).

(III) "Não condiz com as diretrizes e o espírito da "Laborem Exercens" pensar que a consciência de classe conduza inevitavelmente à luta de classes, no sentido insurrecional do termo. Com efeito, segundo a mesma encíclica, os problemas da relação entre o trabalho e o capital não serão resolvidos pelo esvaziamento da consciência de classe, mas ao contrário pelo seu amadurecimento, que a prepara para os confrontos inerentes a toda democracia empenhada na realização do bem comum, isto é do bem de todos, sem discriminações" (Diretrizes Gerais...CNBB, Doc 28 item 18).

(IV) "Toda sociedade sofre uma luta permanente e não declarada, movida pelos que defendem a qualquer custo a manutenção de seus interesses e privilégios. Essa luta tem um nome: injustiça social. São raros os exemplos daqueles que espontaneamente, abrem mão de seus privilégios em favor do bem comum. A mudança só se realiza quando os desfavorecidos se organizam para a defesa de seus direitos, o que se identifica com o "empenho normal das pessoas em prol do justo bem". A encíclica "Laborem Exercens" reconhece o valor ético dos esforços daqueles que lutam em defesa desses direitos e desse bem, porque não é "luta contra o antagonista, mas é luta pela justiça social". Isto leva a que se tomem iniciativas para um encontro da sociedade, de tal maneira que eles descubram a sua complementariedade e convergência, "não excluindo o reconhecimento do valor construtivo de tensões sociais que, dentro das exigências da justiça, contribuem para garantir a liberdade de direitos, especialmente dos mais fracos" (Diretrizes Gerais .... CNBB).

(V) "Com efeito, a Igreja está convencida de que todo processo de transformação social resultará ilusório e vão, "se não intervier uma verdadeira conversão das mentes, das vontades e dos corações". Sem homens novos, profundamente convertidos ao Evangelho, e por sua vez conscientes da necessidade de evangelizar o próprio processo de transformação social, "ainda as melhores estruturas ou os sistemas melhor idealizados depressa se tornam desumanos e não estarão absolutamente livres de novos materialismos e novas formas de opressão" (Diretrizes Gerais ... CNBB no.48).

## **PONTO DE DIVERGÊNCIA DENTRO DA PJ**

Até agora penso haver consenso, em nível de coordenações, dentro da Pastoral da Juventude. As divergências surgem na MANEIRA DE ORGANIZAR estes enfoques. Neste sentido vejo dois modelos de organização dentro da PJ hoje. As diferenças entre os modelos GIRAM EM TORNO DA SEPARAÇÃO das classes sociais.

### **MODELO 1**

O primeiro modelo se localiza mais no Nordeste do Brasil e propõe a separação das classes sociais, organizando uma estrutura de acompanhamento (assembleias, subsídios, cursos etc.) para os jovens do meio popular e propõe que s jovens de outras classes se articulem, a partir da ótica do oprimido. Neste

sentido a PJMP se entende como abrangendo tanto os grupos paroquiais, tanto no processo de iniciação, quanto aos grupos de militantes no meio popular.

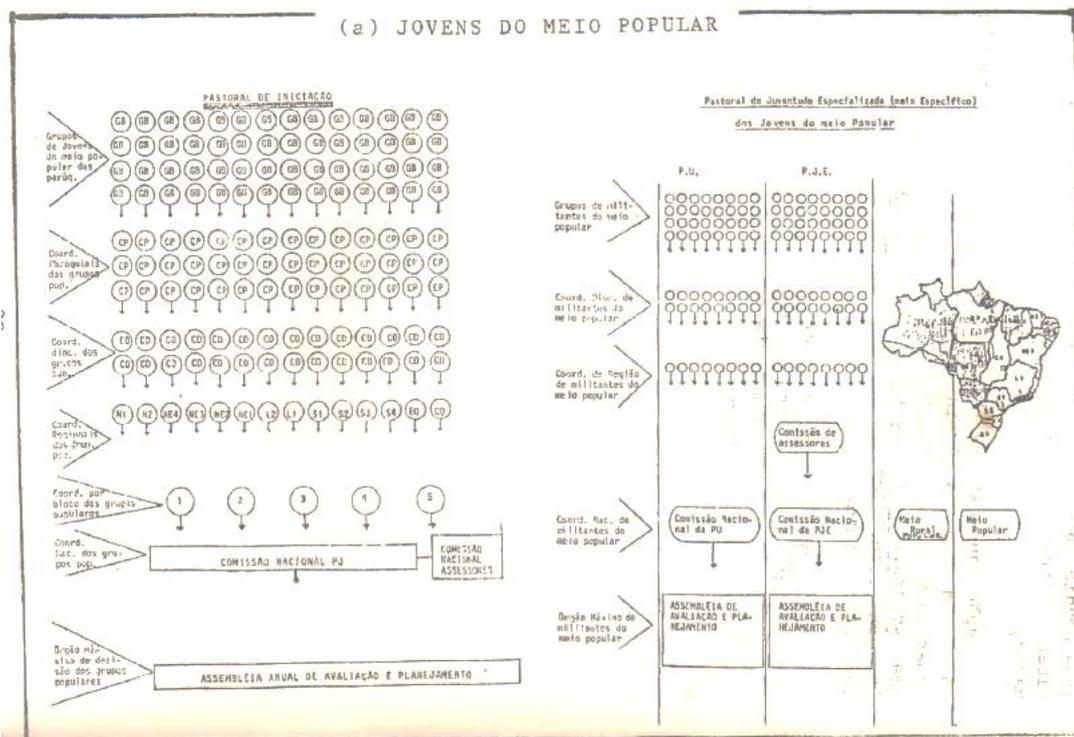
A PJMP propõe este modelo como resposta ao conflito de classes existentes na sociedade, para facilitar uma pedagogia mais adequada para cada classe social e para evitar o perigo de dependência dos jovens pobres em relação aos jovens de nível superior em estudo e estilo de vida. Essa dependência pode bloquear o surgimento de lideranças populares, sobretudo quando não há consciência de ambas as partes.

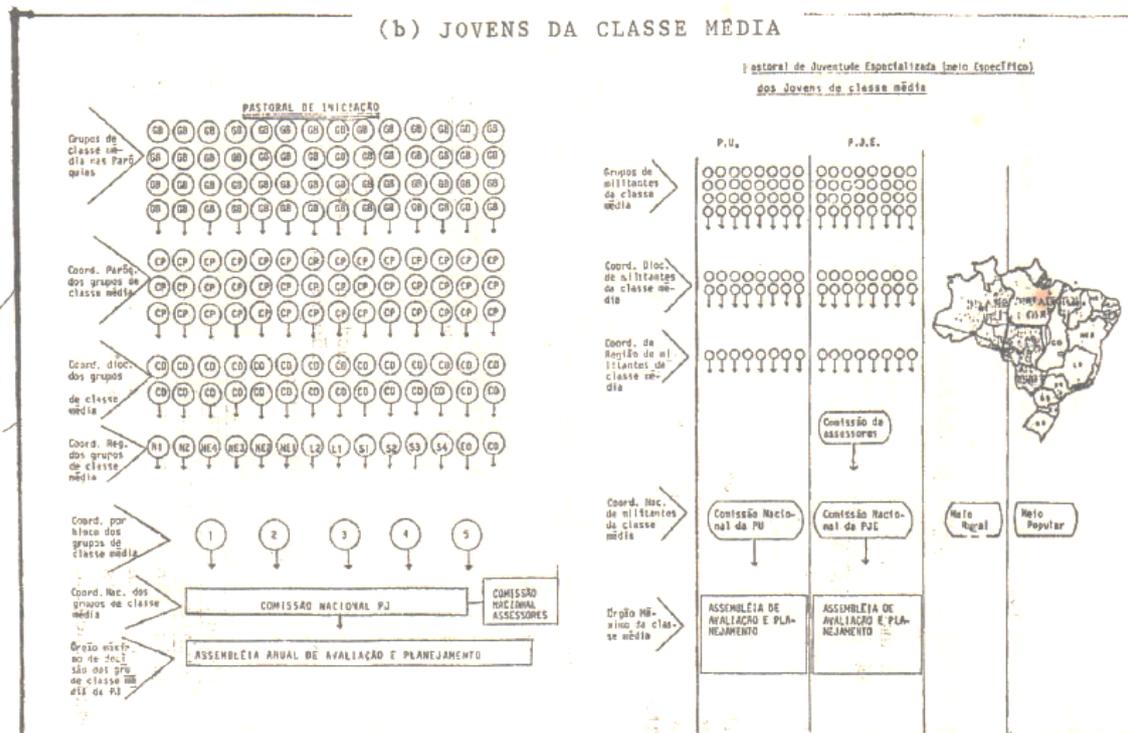
Pressupõe que este modelo deva chegar a montar coordenações, em todos os níveis, chegando ao nível nacional, para ambas as classes. Pressupõe que este modelo também proponha uma separação das classes em todos os níveis também para a Pastoral Específica, conforme a observação do Jairo sobre a PJE dá a entender.

O organograma, a seguir, procura apresentar de maneira gráfica este modelo. Claro que este modelo não existe ainda em nível nacional e na maioria dos regionais e dioceses, mas me parece a consequência lógica dos princípios anunciados.

MODELOS DE ORGANIZAÇÃO DA P. J.

Modelo I : PASTORAL DE JUVENTUDE POR CLASSE SOCIAL





## LIMITES

Este modelo apresenta algumas limitações e questionamentos:

### (1) PASTORAL DE JUVENTUDE ORGANICA

Como fica uma pastoral de juventude orgânica neste modelo se não há pontos de encontro entre os jovens do meio popular e da classe média nos vários níveis de coordenação? Passamos por cima da consciência de que os jovens de todas as classes têm a juventude que lhes é comum. O documento de Medellín fala do fenômeno da juventude como "novo corpo social" com seus próprios valores, ideias e dinamismo, como "grande força nova de pressão" e "força de renovação" da sociedade e da igreja. Esta consciência da força de transformação que têm como jovens é também importante.

Uma pastoral orgânica de Juventude parece estar mais de acordo com o projeto e valores do Evangelho. O texto do Jairo concorda com esta posição quando cita a Irmã Ivone: "A distinção dos meios não é uma exclusão de um ou de outros. Pensar em termos de exclusão não é pensar em termos de cristianismo. A distinção é um momento necessário para a eficácia da ação, para a compreensão da mensagem de Jesus, a partir da realidade de cada um".

O 5º ENPJ ressaltava: "Em alguns regionais e em algumas dioceses onde a PJMP é o único modo de organizar a PJ, apresenta-se o desafio da construção de uma PJ Orgânica que atenda também os jovens das outras classes."

Precisamos, porém, examinar se NA PRÁTICA o modelo de organização que adotamos levar necessariamente a uma pastoral excludente, independente de

nossas intenções. Na prática, quais são os passos concretos que estão sendo dados para chegar a uma pastoral orgânica que soma as forças dos jovens de todas as classes sociais para construir uma sociedade querida por Deus?

## **(2) A DIFICULDADE DE ARTICULAR A CLASSE MEDIA NESTE MODELO**

Neste modelo, os melhores assessores ficam com a articulação do meio popular, dificultando uma pastoral mais transformadora para os jovens da classe média. Apesar da afirmação do Jairo: há algumas experiências de PJ do Meio Independente (nome que se dá a classe média) revelando a viabilidade deste tipo de organização", na prática o que se constata são grupos isolados de classe média que surgem porque a composição social do bairro a que pertencem é desta classe. Somente em Recife há uma tentativa de articular estes grupos em nível de diocese.

No 5º ENPJ foi citada a experiência de um grupo de classe numa média numa diocese do interior do Nordeste. Mas o que um grupo vai fazer sozinho, ou mesmo tendo possibilidade de se ligar com mais alguns poucos grupos da classe média?

A experiência dos últimos anos tem-nos mostrado que os jovens se motivam e se comprometem na medida em que se abre para eles a possibilidade de participar com outros jovens de reuniões, cursos, assembleias, em nível de diocese, regional e nacional. Aqui se coloca uma pergunta importante: é possível montar toda uma estrutura assim para os jovens da classe média, sobretudo em dioceses em que a classe média constitui um pequeno grupo. Na prática, nos lugares, onde funciona este modelo, os jovens da classe média são trabalhados por movimentos de pastoral de cunho espiritualista e alienado. As vezes também são trabalhados por partidos políticos da direita porque não há outra proposta para eles.

Mesmo que fosse viável esta articulação em termos teóricos, enfrenta-se outro desafio: a necessidade de encontrar recursos financeiros e humanos para duplicar tudo, em todos os níveis, no processo de iniciação e nas pastorais específicas.

## **(3) IMPORTÂNCIA DE CONTATO ENTRE AS CLASSES**

Há necessidade de um contato entre os jovens do meio popular e outras classes. Os jovens do meio popular têm que aprender a "enfrentar" os jovens que têm um nível social e cultura superior e não se deixarem manipular por eles. Têm que aprender a conquistar a palavra numa assembleia ou inclusive de não ter vergonha de pedir uma explicação quando não estão entendendo. A PJ não tem como intenção colocar os jovens numa estufa para evitar tensões e enfrentamentos sadios. Nos partidos políticos, sindicatos, movimentos populares, movimentos estudantis têm que aprender a lidar com pessoas de outras classes sociais. Têm que se engajar nos organismos intermediários que existem e tentar "purificar" sobretudo os que optam pelo projeto popular para que não sejam manipulados por pessoas das classes média e alta. A pastoral não

vai criar organismos paralelos à da sociedade. Fazer isso seria cair num novo tipo de cristandade.

Por outro lado uma das teses da teologia da libertação é que os membros das classes média e alta, precisam ter contato com a realidade da pobreza para poder desmontar a ideologia dominante que justifica uma sociedade organizada injustamente. O contato com o pobre é necessário para entender o verdadeiro projeto do Evangelho. A atuação de membros de outras classes a favor das classes populares, se dá dentro da sua própria categoria (ex. professores, médicos, advogados...) ou como "intelectuais orgânicos" engajados no meio popular.

A experiência dos últimos anos, tem demonstrado que um grande número de bispos, padres, religiosos e leigos sofreram uma mudança radical, após se encontrarem mergulhados no meio da luta dos pobres pela sobrevivência e por uma vida mais digna.

#### **(4) ANALISE SOCIOLOGICA**

Um sociólogo, especialista em classes sociais, comentou recentemente este primeiro modelo: "O sistema capitalista consegue se fortalecer, jogando a classe média contra as classes populares. Sua arma favorita é a de dividir para manter elites privilegiadas no poder. Este modelo corre o perigo de reforçar o sistema. Para mim é uma proposta suicida em termos políticos.

#### **(5) ATITUDE MESSIÂNICA**

Há o perigo de cair num tipo de messianismo que afirma serem os pobres sozinhos capazes de efetivar uma transformação social. Algumas correntes teológicas minoritárias parecem cair nesta leitura parcial da realidade. É a atitude que os pobres são infalíveis.

Embora os pobres tenham grandes virtudes de partilha, simplicidade, hospitalidade, o pecado pessoal também está presente no meio deles: a traição, a exploração dos outros pobres, "o peleguismo". As últimas pesquisas dos jornais sobre as campanhas eleitorais para prefeitos de municípios mostram que os pobres são muito mais facilmente enganados por políticos demagogos, do que pessoas da classe média que têm maior acesso as informações e um nível de escolaridade superior.

As classes populares exercem um papel fundamental na construção de uma nova sociedade por causa do seu número e porque objetivamente (embora frequentemente não têm consciência disso) tem um projeto de mudança da sociedade. Por outro lado, não se pode passar por cima do papel chave exercido pela classe média ou setores da classe média na manutenção do "status quo" ou na transformação da mesma. Todas as mudanças sociais profundas, que ocorreram dentro da história da humanidade, aconteceram somente no momento em que a classe média se incorporou à corrente portadora da mudança. Foi o caso dos golpes militares no Brasil e no Chile e a revolução da Nicarágua.

Aqui tratamos mais da questão dos jovens da classe média, sendo que há muito pouca participação dos jovens da classe alta dentro da PJ. Não se sabe ao certo quais os motivos. Talvez seja porque estes jovens têm muitas outras distrações, são mais envolvidos no materialismo de uma sociedade de consumo e rejeitam uma pastoral transformadora que contradiz seus interesses, ou porque faltam pessoas com boa pedagogia para atingi-los. Há algumas experiências interessantes, mas reduzidas.

O que caracteriza a classe média é a sua competência profissional. Ela é vítima também, no sentido de que é obrigada, para sobreviver, a colocar a sua competência a serviço da classe alta, às vezes contra a sua consciência. Se recusar é, frequentemente, expelido pelo sistema. O desafio da classe média é o de descobrir meios de colocar seus talentos, conhecimentos e instrumentos de análise a serviço da luta das classes populares sem, porém, criar dependências, mas sim, lideranças populares.

Uma sociedade nova só funciona com a contribuição de técnicas, cientistas, intelectuais, engenheiros, administradores, médicos, professores, advogados...

A opção pelos jovens das classes populares não significa que um jovem deva negar que pertence à classe média ou alta. Esta seria uma opção artificial e falsa. Um jovem, por exemplo, da classe média ou alta não nega que é desta classe; ele a assume e procura desmontar a ideologia da sua classe, se colocando do lado dos mais oprimidos.

Frequentemente os jovens da classe média não avançam em termos de consciência porque falta-lhes uma assessoria competente. O grande impacto da Juventude Universitária Católica (JUC) na sociedade e na Igreja, nos anos 1955 - 1966, mostra o grande potencial que existe nos jovens da classe média para uma opção libertadora. É importante levar em conta que há muito menos bloqueios da parte dos jovens da classe média do que dos adultos. Por outro lado o fato que é mais difícil trabalhar com a classe média do que com as classes populares, não justifica o abandono desta primeira.

## **(6) AGRESSIVIDADE QUE ISOLA**

Em alguns lugares, a PJMP assimilou um discurso muito agressivo contra os jovens da classe média, fazendo com que algumas lideranças se tornassem antipáticas e ficassem isoladas dentro do conjunto da Igreja. Esta atitude afastou aliados importantes. No entanto, talvez foi uma fase necessária num primeiro momento de afirmação da importância dos jovens do meio popular. Esta fase parece já ter passado. A questão, agora, está sendo encarada com menos emotividade e com maior realismo e objetividade.

## **(7) ABAFAMENTO DAS LIDERANÇAS POPULARES**

O perigo de manipulação e abafamento de lideranças populares por parte de jovens da classe média existe. Este alerta talvez seja uma das grandes contribuições da PJMP para o desenvolvimento de uma PJ mais transformadora.

Questiona-se, porém, se é necessária uma separação rígida entre as classes sociais para evitar isso e se não será suficiente uma separação relativa e um aperfeiçoamento dos meios pedagógicos usados. Este detalhe veremos na explicação do segundo modelo.

A experiência dos últimos anos tem mostrado que NÃO É AUTOMÁTICO jovens da classe média abafarem as lideranças populares, sobretudo em nível de coordenação. Num número grande de coordenações diocesanas, em que participam jovens das várias classes a hegemonia, hoje está com os jovens do meio popular.

O exemplo dado de grupos onde está "o filho do fazendeiro e o filho do empregado" confunde a questão. Eu não sei se existem tais grupos. Se existem são casos muito raros. O mais comum são grupos de jovens do meio popular e de classe média juntos -ambos assalariados ou filhos de assalariados.

Vale a pena notar que o mesmo perigo de manipulação e abafamento surge para "a classe alta dos pobres" que às vezes têm acesso a segundo grau ou até 3º grau e que trabalham com os mais "lascados".

## **(8) OS PROBLEMAS PRÁTICOS**

Uma separação rígida das classes, encontra muitas dificuldades práticas. Como, por exemplo, separar as classes em duas pastorais em bairros e paróquias de composição mista? Parece-me possível se articular uma classe só e deixar de lado a outra.

Há também a dificuldade de determinar qual a linha divisória entre as classes. Que critérios usar para distinguir quando um bancário é da classe popular numa cidade grande e da classe média num lugar do interior do estado. Dentro da própria sociologia, hoje, há correntes de opinião muito diversas.

## **(7) DIFICULDADES ECLESIASTICAS**

Uma separação rígida entre as classes não teria a aceitação da hierarquia e dentro da atual conjuntura da Igreja abre a brecha para acusar a PJ de ser uma pastoral excludente. Fortalece a posição de grupos mais conservadores e provoca um retrocesso, numa Pastoral de Juventude que vem dando largos passos na direção de um compromisso com a "Igreja dos pobres".

## **(8) UM EQUÍVOCO**

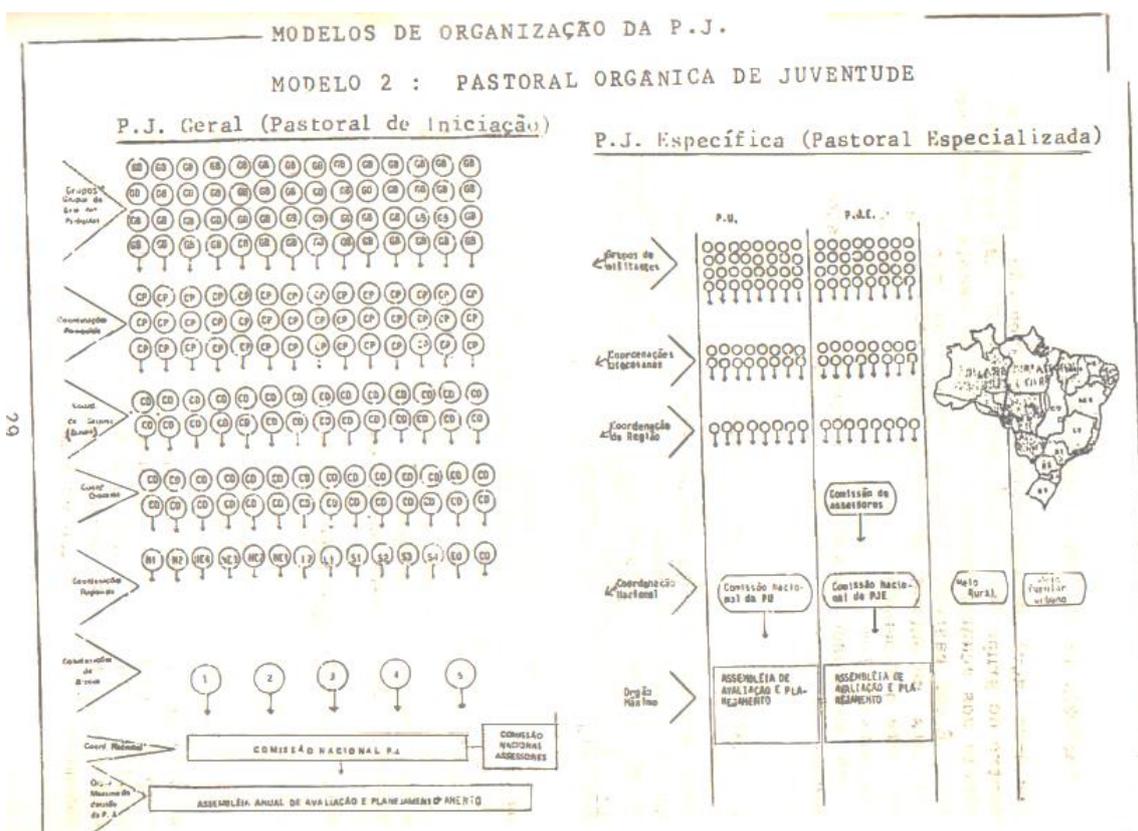
Há um equívoco nos textos de documentos da Igreja e da bíblia, (Documento de Puebla no. 1187, CNBB - DoC. no. 28 - 118, Lc 4,18-19) apresentado por Jairo para fundamentar sua posição. Os textos comprovam a importância da opção pelos pobres e a necessidade de LEVAR EM CONTA a realidade social, mas não falam em separação.

## MODELO 2

O MODELO 2 é a maneira pela qual a PJ se organiza em 80 a 90% das dioceses, regionais e em nível nacional. Este modelo se organiza, no processo de iniciação, a partir dos grupos de base nas paróquias, em coordenações por setor (ou zonais), por diocese, por regional e em nível nacional. Onde há pastorais específicas organizadas, a ligação é feita através de representantes, sobretudo em nível de diocese, regional e nacional.

Este modelo é diferente do outro no sentido que não forma duas pastorais, separadas por critério de classe social.

O organograma, a seguir, procura apresentar de maneira gráfica este modelo como funciona em nível nacional e na maioria das dioceses e regionais:



Dentro deste modelo de organização se encontram vários enfoques e visões diferentes:

### I. PASTORAL DE JUVENTUDE GENÉRICA

Trata-se aqui de uma Pastoral de Juventude voltada para dentro do grupo ou da comunidade eclesial. Não se dá importância aos acontecimentos no bairro, na escola ou no trabalho. É uma pastoral festiva e espiritualista (por espiritualista se entende uma falsa espiritualidade que não leva em conta a dimensão social da fé). Os grupos de jovens não têm perspectivas de caminhar para uma

militância libertadora na comunidade ou sociedade. Este tipo de pastoral caracteriza uma grande parte dos grupos da PJ.

## 2. PASTORAL ORGÂNICA DE JUVENTUDE

Este modelo procura desenvolver uma pastoral onde há unidade na diversidade. Acredita-se que o avanço da consciência depende mais de uma boa assessoria e pedagogia do que de uma separação rígida das classes sociais. Não se deve absolutizar a questão da separação.

Dentro deste modelo ainda há muitas paróquias, setores, dioceses e regionais que colocam um projeto de PJ onde os grupos de jovens não existem para si mas devem ser ajudados a caminhar para a militância transformadora na comunidade eclesial ou nos meios específicos dos jovens. A militância transformadora pressupõe um compromisso com o projeto histórico das classes populares.

Neste modelo o meio popular aparece como:

- (a) opção e ótica no Processo de Iniciação e
- (b) pastoral específica que acompanha os jovens que chegaram ao nível de militância no meio popular.

A militância é a meta final. Sem a militância não há compromisso. Há somente discurso. Numa linguagem religiosa, a militância é a conversão a Jesus Cristo e seu projeto de vida e sociedade. A prova desta conversão é o compromisso assumido. "A fé sem ação está morta"(Tg).

Dentro desta visão não se insiste numa separação mais exigente entre as classes sociais. De outro lado em muitos lugares procura-se levar em conta a importância de certa separação relativa para evitar dominação ou paternalismo uma pedagogia adequada para cada classe, e o surgimento de uma consciência de classe.

Este espaço de organização em separado acontece:

- ❖ POR GRUPOS DE JOVENS: Em bairros de composição mista, por exemplo, em vez de levar os jovens de uma favela ou de uma área mais pobre, para parti-cipar na matriz, se formam grupos dentro da favela ou área.
- ❖ POR BAIRROS, PARÓQUIAS: Há bairros e paróquias que são somente de classe popular ou de classe média.
- ❖ POR SETORES PASTORAIS: Há às vezes setores pastorais de periferia ou de centro de composição homogênea que facilita a adaptação de uma pedagogia e conteúdo adequados.

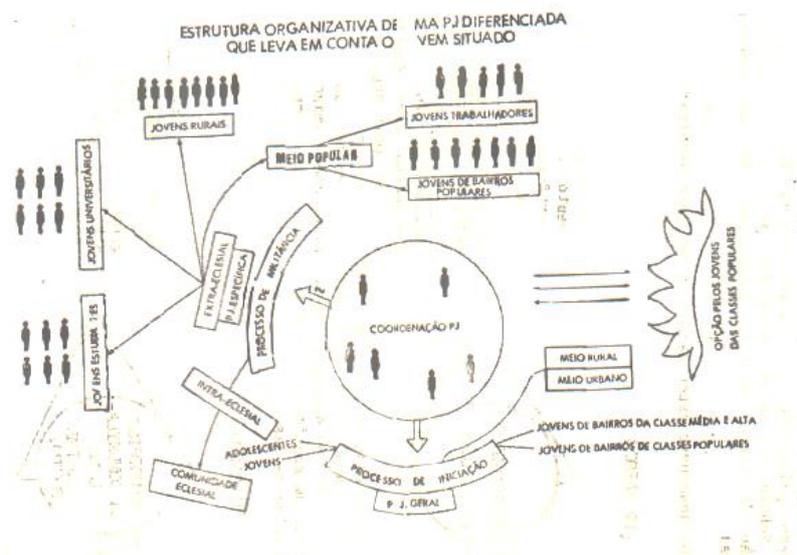
- ❖ ATRAVÉS DE ASSEMBLEIAS, E ENCONTROS de formação onde, por exemplo, o trabalho de grupo pode ser feito em separado e com plenário em conjunto.
- ❖ ATRAVES DE ATIVIDADES organizadas para cada classe. Numa diocese, por exemplo, onde há uma coordenação orgânica da PJ, foi promovido uma festival de música para os jovens do meio popular.
- ❖ A coordenação diocesana facilita o acesso a uma variedade de SUBSÍDIOS e livros que podem ser escolhidos pelos grupos conforme as necessidades e interesses da realidade social dos mesmos.

Ainda há "muito chão pela frente" para descobrir meios eficazes de levar em conta a questão das classes sociais dentro deste modelo.

Neste modelo, também, coloca se a ênfase num processo pedagógico mais aperfeiçoado como, capacitação de assessores e coordenadores, subsídios, estrutura eficiente de avaliação e acompanhamento, e um aprofundamento dos princípios subjacentes a uma educação popular. Em muitos lugares, um bom acompanhamento pedagógico, neste sentido, tem levado jovens, no processo de iniciação, à militância no meio popular e nos outros meios específicos. Uma boa pedagogia e assessoria pode ser mais importante do que a separação das classes para avançar a consciência.

## PROCESSO DE INICIAÇÃO E PROCESSO DE MILITÂNCIA

A Pastoral da Juventude hoje se divide em dois grandes momentos. No primeiro momento estão os grupos paroquiais que ainda se encontram no PROCESSO DE INICIAÇÃO. No segundo momento se encontram os grupos que exercem uma MILITANCIA na comunidade eclesial ou extra-eclesial, nos meios específicos do jovem, a saber escola, universidade, trabalho, bairro popular, meio rural popular. Esta distinção é feita nos dois modelos embora a maneira de levar em conta as classes sociais é diferente. O organograma a seguir procura apresentar de maneira gráfica estes dois Processos.



## ETAPAS DE INICIAÇÃO

Para passar para a militância, porém, é necessário um processo pedagógico que leva em conta as ETAPAS DE INICIAÇÃO. Nestas etapas a necessidade de levar em conta a questão da classe social é introduzida de uma maneira gradual.

Podemos descrever estes passos da seguinte maneira:

### 1º Passo:

#### DESCOBERTA DO GRUPO:

O jovem sai do seu isolamento e descobre a importância do grupo de jovens.

Devemos partir das aspirações e necessidades dos jovens que estão iniciando no grupo e não das necessidades sentidas, como mais urgentes, pelo assessor ou coordenador jovem. Portanto a amizade, os problemas pessoais, a necessidade de ser valorizado, de se sentir útil, de descobrir Jesus Cristo como amigo, e a busca de um sentido para a vida, são enfoques importantes nesta primeira fase.

### 2º Passo:

#### DESCOBERTA DA COMUNIDADE E DO PROBLEMA SOCIAL

O jovem descobre a Igreja como comunidade. A partir das reuniões de grupo, do estudo da bíblia, dos cursos, celebrações e contato com cristãos comprometidos descobre que ser cristão não é somente saber religião. Descobre o problema social. Surge o sentimento de compaixão que leva a desenvolver uma ação em favor dos pobres. Nesta segunda etapa, a sua visão do problema social ainda é descritiva e ingênua, as ações são assistencialistas. Ainda não há uma consciência da realidade das classes sociais e a relação de exploração entre eles. Começa a ligar a fé e vida, Cristo aparece como modelo substituí, de maneira gradual, ídolos fabricados por uma sociedade de consumo. Aqui há o primeiro despertar vocacional.

### 3º Passo:

#### DESCOBERTA DE UMA ESTRUTURA ORGANIZATIVA MAIS AMPLA

Na medida em que vai descobrindo uma pastoral organizada, que possibilita um contato com outros jovens em níveis sempre mais amplos, através de reuniões de coordenação, de assembleias, de cursos, retiros e atividades recreativas, ele vai se motivando para se comprometer mais. Esta participação traz um crescimento para eles em todas as dimensões da sua vida. Torna-se "evangelizador dos outros jovens" através destas atividades. Sente-se como protagonista, a PJ é dele, não dos adultos. Sente a força que a juventude organizada tem para mudar as coisas. Sente a própria participação junto com os outros como ensaio da nova sociedade que almeja construir.

#### 4º Passo:

### DESCOBERTA DAS CAUSAS ESTRUTURAIS

Descobre que há duas classes fundamentais na sociedade e a relação de exploração entre elas. "Há ricos cada vez mais ricos À CUSTA de pobres cada vez mais pobres" (João Paulo II).

Nesta etapa começa a ter uma análise mais científica da sociedade. Descobre que pobre não é pobre porque quer, ou porque não trabalha suficientemente, ou porque não estuda, mas porque, é vítima de uma organização social injusta. Enxerga a realidade a partir da ótica das classes populares. Mesmo sendo do meio popular não enxergava a partir da ótica da sua classe mas, a partir da ideologia dominante introjetado nele. Surge a consciência de classe no sentido que explicamos acima. Percebe que suas reivindicações são direitos, não favores, e que a justiça é fruto de negociação mas sobretudo de pressão social. Se o jovem é da classe média percebe a necessidade de trabalhar numa linha do método de Paulo Freire e de ter coragem de deixar que os jovens do meio popular sejam sujeitos da ação pastoral e não mantidos numa dependência paternalista. Esta análise estrutural surge a partir das reflexões em cima dos acontecimentos da vida, e de uma teoria que é colocada paralelamente através de palestras e cursos. Jesus Cristo é percebido como encarnado na vida e conflitos do povo. A Igreja tem uma dimensão libertadora.

Os jovens das várias classes sociais que chegam a esta etapa sentem-se solidários na mesma luta contra a opressão.

#### 5º Passo:

### DESCOBERTA DA MILITÂNCIA INTRA E EXTRA IGREJA INSTITUCIONAL

Este é o momento de amadurecimento da opção vocacional no sentido amplo do termo.

Os jovens percebendo o sofrimento humano e a centralidade do amor no cristianismo, despertam o sentimento de compaixão que leva à ação. Agora dá um outro passo para frente: percebe que este amor precisa ser histórico e eficaz. Daí nasce a consciência da necessidade da organização.

Alguns jovens partem para uma militância INTRA-ECLESIAL, na catequese, CEBS, preparação para crisma, redação de um boletim paroquial, programas de rádio, festas da comunidade, na liturgia, na coordenação da própria PJ, e ainda outros optam por uma vida de especial consagração escolhendo o sacerdócio ou entrando na vida religiosa. O engajamento na comunidade acontece para muitos jovens nas etapas anteriores. Nesta etapa há, porém, uma visão mais libertadora do seu papel na sociedade. A militância na comunidade tem como finalidade fortalecer a Igreja como sinal do Reino.

Aqui entendemos o termo "extra-eclesial" no sentido de extra Igreja institucional, porque, mesmo agindo fora dela, continua sendo "igreja" no sentido de ser representante da Igreja, Povo de Deus.

Outros jovens partem para um engajamento EXTRA-ECLESIAL. Descubrem que os instrumentos privilegiados para transformar a sociedade são os organismos intermediários dentro dos seus meios específicos de escola, bairro e trabalho. É a vocação específica do leigo: ser fermento dos valores do reino nestes meios. Neste momento começa a militar em movimentos populares, associações de bairro, movimentos de estudantes, grêmios estudantis, sindicatos, associações de trabalhadores, partidos políticos, lutas populares ou desenvolve um trabalho junto com grupos marginalizados.

Sua militância é encarada como uma realização parcial histórica do Reino.

Aqui surge o envolvimento numa Pastoral de Juventude Específica de meio secundarista, universitário, rural e popular que tem sua própria autonomia, da Pastoral de Juventude Geral, embora mantendo ligação com ela através de uma Pastoral Orgânica.

Coloca-se a questão, do relacionamento e autonomia entre a Igreja e organismos intermediários.

Alguns jovens e grupos têm uma militância tanto dentro quanto fora da Igreja. Normalmente, porém, torna-se difícil manter uma dupla militância devido à pouca disponibilidade de tempo dos jovens. Há também grupos "mistos" nos quais alguns militam fora da Igreja Institucional enquanto outros, do mesmo grupo, militam dentro dela.

#### **6º Passo:**

Muitos assessores e coordenadores jovens não sabem como levar os jovens da fase de iniciação para a militância porque não tem consciência destas etapas pelas quais eles mesmos passaram. Por este motivo queima-se muitas etapas e a pastoral não avança. A descoberta das etapas percorridas, produz coordenações maduras com boa pedagogia.

#### **ALGUNS FATORES IMPORTANTES**

Para que este processo todo seja um processo de conscientização e de educação na fé vários fatores são importantes:

- 1- TESTEMUNHO DE VIDA: Que os jovens estejam em contato com adultos e outros jovens que dão testemunho de vida autenticamente cristã.
- 2- PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA através de estudo em grupo, palestras, cursos, retiros, cursos bíblicos, leitura individual. O que nos une não é um projeto político. Aqui deve haver um pluralismo sadio. O que nos une é o projeto do Evangelho.

- 3- CELEBRAÇÃO: As celebrações bem preparadas e participadas ajudam a fazer a grande síntese fé e vida. Aqui é importante o desenvolvimento de uma espiritualidade libertadora.
- 4- METODO DE INTERAÇÃO TEORIA - PRÁXIS. Aqui se fala em método Ver Julgar Agir e formação na ação. Se de um lado não se deve cair numa pastoral somente de cursos, do outro lado, não se pode cair numa pastoral de atividades. É necessário "casar" a teoria com a prática.
- 5- FORMAÇÃO INTEGRAL: Uma formação que integra as três dimensões da vida do jovem: a dimensão psicológica, a dimensão mística e a dimensão política.
- 6- Normalmente uma boa ASSESSORIA é o fator decisivo numa pastoral significativa.
- 7- Um processo de PLANEJAMENTO ANUAL é um instrumental importante para garantir a formação teórica necessária para cada etapa.

## **OBSERVAÇÃO**

Etapas do Processo de iniciação, não são etapas estanques. Aqui foram separadas para poder entendê-las melhor. Na vida real, porém, podem ocorrer várias etapas ao mesmo tempo. Cada etapa exerce uma influência sobre a outra. Há um entrelaçamento entre as etapas. Não podemos, também, determinar antecipadamente, o tempo que se leva para passar de uma etapa a outra. Cada grupo tem sua história própria que deve ser respeitada. E claro, também, que nem todo grupo chega à etapa final. Muitos se desfazem já nas etapas iniciais por falta de uma boa coordenação e metodologia.

## **PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR DENTRO DESTE MODELO**

Há ainda duas outras maneiras de levar em conta as classes sociais

### **(a) OPÇÃO E ÓTICA**

Algumas dioceses organizam uma PJMP que também cabe dentro deste modelo. São as dioceses onde a PJMP coloca como enfoque principal a questão da ótica e da opção pelos pobres é aceitam a entrada de jovens da classe média que sintonizam com esta opção. A diferença aqui é apenas de nome. Nos relatórios das suas últimas assembleias a PJMP de Juazeiro da Bahia e a PJP de São Mateus - ES, colocam claramente este enfoque. Também, várias dioceses da PJMP do Ceará.

### **(b) PJMP EM NÍVEL DE MILITÂNCIA**

Em outros lugares o termo PJMP é usado para designar a ORGANIZAÇÃO DOS JOVENS QUE SÃO MILITANTES NO MEIO POPULAR. Aqui se coloca o desafio de montar uma pastoral específica, nos vários níveis,

para acompanhar estes jovens. A última reunião da Comissão Nacional de Assesores da PJ coloca:

“Dentro do meio popular rural, assim como na área urbana e estudantil encontram-se, no mesmo grupo, jovens que militam em sindicatos, outros em movimentos sem-terra, outros nos partidos políticos, cooperativas, comunidades de base, comunidades paroquiais etc. Há também casos de jovens de classe média que se engajam nas lutas populares junto com jovens do meio popular porque se afinam com seus interesses, objetivos e metodologia. Estes grupos mistos constituem a realidade mais comum na caminhada da PJ Nacional. Este dado parece indicar que será mais conveniente, nos próximos anos, articular grupos de militantes num único meio específico, MEIO POPULAR URBANO, juntando o MEIO TRABALHO e o MEIO BAIRRO POPULAR. Este meio será responsável para montar uma estrutura de acompanhamento dos jovens que militam nas várias frentes de trabalho, descritas acima.”

O mesmo relatório continua:

"Está havendo uma evolução importante aqui de um modelo do sul que tentava montar como dois meios específicos separados PJT (PJ Trabalhadora) e PJB (PJ Bairro) para um modelo do nordeste que junta os dois meios por terem as mesmas características: são MEIO POPULAR URBANO. Esta talvez seja a pastoral específica com mais potencial para o futuro.

A articulação em nível de militância aparece no modelo 1 e no modelo 2 e pode-se articular com uma estrutura organizativa própria, independente de qual modelo se adota no Processo de Iniciação. Significa abrir um espaço novo dentro da PJ para que os militantes possam revisar, em grupo e à luz da fé, sua prática de sindicato, associação de bairro, movimento popular, partido, trabalho de favela, educação popular etc. Significa montar uma estrutura de acompanhamento com coordenações próprias que garantem espaços de avaliação e planejamento e um aprofundamento teórico através de cursos, seminários retiros, subsídios e livros, para enfrentar as novas questões que surgem a partir da sua prática. Tudo indica que futuramente este será o meio específico mais forte e mais consequente.

A articulação do meio popular em nível de militância neste 2º modelo, não significa uma separação absoluta dos jovens do meio popular em fase de iniciação. O campo de ação de muitos destes militantes continua sendo com jovens do meio popular. Também promovem atividades de massa para jovens do meio popular. Nos bairros e setores de periferia estão presentes assessorando a caminhada.

O espaço em separado, como pastoral específica, com sua própria estrutura organizativa, em todos os níveis, é necessário para que os militantes tenham um espaço próprio para aprofundar os assuntos e questionamentos que vêm da sua militância. É difícil revisar uma prática com outros que não têm esta prática. Sem o apoio de uma pastoral específica que facilita um aprofundamento teórico (bíblico, teológico, sociológico, espiritual) os militantes caem num ativismo que leva ao esvaziamento.

## MEIO RURAL

A Pastoral Específica no meio rural popular se propõe a acompanhar os jovens que militam neste meio (ex. Movimento Sem Terra, sindicato rural, problema indígena, cooperativas, trabalho de educação popular...). No Nordeste usa-se o termo "Pastoral da Juventude do Meio Popular Rural" enquanto no Sul usa-se o termo "Pastoral da Juventude do Meio Rural (PJMR)". Neste modelo, no Processo de Iniciação participam jovens da classe média que estão abertos para uma pastoral transformadora.

## CONCLUSÃO

Este texto procura tratar somente dois enfoques dentro da PJ no meio de muitos outros. Não pretende ser uma abordagem completa de um trabalho pastoral com jovens. Pessoas, portanto, que procuram um aprofundamento de espiritualidade, coordenação, método, organização, acompanhamento, devem entender os objetivos muitos específicos deste trabalho.

Concluindo faço minhas as observações finais do Jairo:

"Ao meu ver, longe de ser modelos contrapostos, a PJ por classes sociais e a PJ por meios específicos completam-se, basta que tenhamos como ponto de partida a realidade concreta conflitante na qual estamos inseridos e queiramos modificá-la completamente.

Foi nosso objetivo oferecer elementos para uma discussão nos diversos níveis da PJ sobre a proposta de organizá-la a partir dos meios sociais.

Observamos que ainda há espanto por parte de uns e resistência por parte de outros em levar adiante a reflexão. Esperamos ter conseguido desvendar o mistério, tirar algumas pedras do caminho. E óbvio que precisamos aprofundá-la numa reflexão aberta e democrática."

Espero que o texto facilite um diálogo entre irmãos que têm o mesmo ponto de chegada, mas nem sempre estão de acordo sobre os meios mais eficazes para atingir este alvo.